

INFLUÊNCIAS TRANSLINGUÍSTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NAS LÍNGUAS INGLESA E JAPONESA SOB UMA ABORDAGEM PSICOTIPOLOGICA

Luã Armando de Oliveira Silva ¹

Unicesumar (Centro Universitário Cesumar)

Fátima Christina Calicchio ²

Unicesumar (Centro Universitário Cesumar)

Resumo: Os estudos psicotipológicos propostos por Kellerman (1986) não são, na atualidade, estudados de forma merecida. Nesse sentido, utilizando-se da teoria psicotipológica, esta pesquisa se debruça em questões relacionadas às influências translinguísticas entre L1 e L2. Tentaremos, aqui, esclarecer se línguas morfossintaticamente semelhantes ao português brasileiro recebem mais transferências ou interferências linguísticas de seus aprendizes brasileiros. Para tanto, serão realizados questionários-teste com seres humanos bilíngues em inglês e japonês. Em seguida, esses dados serão coletados e contabilizados, possibilitando assim, a comparação das transferências e interferências sofridas pelas L2 utilizadas nesse estudo, além dos fatores linguísticos a serem comparados com fatores psicológicos. Visamos, por conseguinte, trazer alguma luz à área da Linguística Aplicada de L2, aprimorando abordagens, a fim de isolar uma possível interferência e potencializar uma possível transferência da L1 sobre a L2.

Palavras-chave: Psicotipologia; Influências linguísticas; L2; Morfossintaxe.

Abstract: The psychotypological studies proposed by Kellerman (1986) aren't given much credit recently. In this sense, using the psychotypological theory, this research relies on issues related to the translinguistic influences between L1 and L2. We will struggle to clarify if languages which share similar morphosyntax with the Brazilian Portuguese receive more linguistic transference or interference from Brazilian learners. In order to accomplish this research, multiple-choice tests will be given to bilinguals in English and Japanese. Afterwards, the data will be collected and counted. This

¹ Graduando em Letras no Centro Universitário UniCesumar

² Mestra em Letras na área de Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (2014). Especialista em Língua Portuguesa: Teoria e Prática pelo Instituto Paranaense de Ensino e Faculdades Maringá (2010). Graduada em Letras, com habilitações Português/Inglês e respectivas literaturas, pela Universidade Estadual de Maringá (2009); Professora mediadora do curso de Letras. Desenvolve trabalhos como professora conteudista para o NEaD Unicesumar.

will allow us to compare the transferences and interferences suffered by the L2 used in this study. Furthermore, we will analyze the relation between linguistic and psychological issues. We aim to bring up some understandings to the Applied Linguistics area in order to improve approaches used in language learning and teaching. The major aim of this research is to isolate interferences and enhance transferences of L1 on L2.

Keywords: Psychotypology; Translinguistic Influences; L2; Morphosyntax.

Considerações iniciais

A presente pesquisa tentará elucidar a proporção das influências translinguísticas, sob a interface do conhecimento psicotipológico, o quão positiva ou negativamente uma L1 pode influenciar uma L2 morfossintaticamente? Segundo Ellis, 1994 e Sharwood Smith & Kellerman, 1981, é provável que a L1 exerça um papel fundamental na aquisição da L2. Stern (1970, p. 64) afirma que “a presença da primeira língua no indivíduo aprendendo uma segunda língua é um fator que não pode e não deve ser ignorado”. Kellerman (1986) foi quem introduziu o conceito de um conhecimento *psychotypological* (psicotipológico) do aprendiz de L2. Kellerman, 1981, definiu o conhecimento psicotipológico como “noção das relações tipológicas entre línguas diferentes”. Para o estudioso, o conhecimento psicotipológico depende de três fatores:

- 1º da estrutura psicológica do aprendiz em sua língua nativa;
- 2º da percepção do aprendiz em relação à distância existente entre sua L1 e L2;
- 3º do conhecimento do aprendiz no que tange à L2.

De acordo com os fatores supracitados, a L1 pode apresentar uma influência positiva ou negativa à L2. Para Wagner (1975), “chamar-se-á de transferência o efeito positivo de uma aprendizagem sobre outra: interferência, o efeito negativo”.

Segundo Ringbom, 2007:5: “a busca por similaridades é um processo essencial na aprendizagem. O processo natural de aprender algo novo é estabelecer a relação entre a proposta nova e o que já existe na mente”.

À luz da citação de Ringbom, formulamos a hipótese de que: línguas que compartilham mais similaridades morfossintáticas entre si tendem a serem adquiridas mais facilmente pelos seus aprendizes.

Para analisarmos as transferências e interferências, duas línguas foram escolhidas neste estudo: o inglês americano, e o japonês. Essas línguas foram selecionadas por tais motivos:

- I. A língua inglesa americana foi selecionada por ser uma língua de origem não latina, mas que sofreu uma forte influência dessa em seu léxico;

Van Valin e LaPolla (1997) classificam o inglês como uma língua rígida e o português mais flexível.

- II. A língua japonesa foi considerada por ser uma língua com pouquíssima similaridade – nem mesmo na escrita – com o português brasileiro.

A língua japonesa é uma língua caracterizada como predominantemente aglutinante – tal qual o coreano, mongol, turco, finlandês – que estabelece relações gramaticais por meio de relacionais (fuzokugo), como as partículas (joshi) e auxiliares verbais (jodôshi), diferentemente das línguas flexivas, como o português, que as determina por meio da ordem das palavras e flexões.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo trazer um entendimento acerca do favorecimento ou não da L1 sobre a aquisição de uma determinada L2, para que, assim, sejam traçadas pedagogias, livros, manuais e instruções aos professores de L2. Tentaremos mostrar se a L1 influencia a aquisição do inglês americano e do japonês positiva ou negativamente e, também, o grau de influência e o seu motivo. A partir desses dados, poderemos traçar mecanismos e ferramentas para que o português brasileiro forneça transferências significativas durante o ensino-aprendizagem dos aprendizes dessas L2.

Fundamentação Teórica

Estudos psicotipológicos

Neste trabalho, usaremos o termo L2 para nos referir à segunda língua, aquela que é aprendida subsequente à língua materna. É amplamente sabido que o processo de aquisição de uma L2 é altamente complexo e subsidiado por diversos fatores. Esses fatores podem ser de origem temporal, linguística e psicológica como comportamentais, motivacionais, metacognitivos e de aptidão. Deter-nos-emos, neste trabalho, aos fatores linguísticos que influem decisivamente na aquisição de uma L2.

O termo L1 refere-se à língua-mãe. Qualquer aprendiz de L2 é constituído de um ‘arsenal’ linguístico de sua L1. É improvável pensar que um aprendiz não se utilizará desse ‘arsenal’ dominado por ele para navegar em um “mar desconhecido”. Analisamos, então, que a L1 serve como uma bússola para os aprendizes de L2.

Há bastante consenso entre os teóricos de aquisição da linguagem de que a L1 pode influenciar substancialmente a L2. Ellis (1994) afirma que é provável que a L1 exerça um papel fundamental na aquisição da L2. Stern (1970, pg. 64) assegura que “a presença da primeira língua no indivíduo aprendendo uma segunda língua é um fator que não pode e não deve ser ignorado”. Não obstante, Odlin (1989) explicita sobre a transferência linguística:

Apesar de tentar evitar ao máximo as grandes discussões que, infelizmente, têm sido frequentes no assunto de transferência, não mantenho em segredo o fato de a transferência linguística ser um fator extremamente importante para a aquisição de uma segunda língua. A evidência disponível, eu sinto, garante essa crença. (ODLIN, 1989, p. 24)

Durante os anos de 1950 e 1960, ao tentar explicar algumas possíveis razões de transferência da L1 para a L2, linguistas constataram a existência de uma influência positiva e negativa causada pela L1 sobre a L2. Verificou-se uma influência positiva quando as línguas eram similares e uma influência negativa quando essas eram distantes. A partir desse momento, estudiosos de aquisição da linguagem chamaram de transferência quando a influência era positiva e de interferência quando a influência era negativa.

A noção de transferência emergiu do behaviorismo no trabalho de (LADO, 1957, p. 10), quem afirma que “indivíduos tendem a transferir formas e significados de suas línguas e culturas nativas para as línguas e culturas estrangeiras”. Por conseguinte, difundiram-se estudos por intermédio da análise contrastiva cujo objetivo era comparar semelhanças e diferenças entre duas línguas e, a partir de tais dados, prever quais seriam os possíveis erros e/ou acertos levados a cabo pelos aprendizes.

Contudo, teorias behavioristas foram desacreditadas no início dos anos de 1970 sob a argumentação de teóricos que afirmavam que o número de erros dos aprendizes causados por transferência não era considerável, ao passo que menos de cinco por cento dos erros foram resultados de transferência em um estudo realizado com aprendizes espanhóis de inglês como L2.

A Análise Contrastiva também foi fortemente questionada, pois propusera somente prever erros dos aprendizes que poderiam surgir. Teóricos contrários à análise contrastiva afirmavam que a previsão de erros não era confiável, uma vez que ora o erro era cometido, ora não pelos aprendizes.

Não obstante, Larry Selinker (1994) modifica a noção de transferência. Selinker propõe que aprendizes não constroem regras no vácuo e que a L1 pode servir como um ‘*input* que vem de dentro’. (ROD ELLIS, 1997, p. 53) levanta dois possíveis fatores que interferem diretamente na transferência: a percepção do aprendiz sobre o que é transferível e o seu estágio de desenvolvimento na L2.

Após a Conferência de Michigan sobre transferência linguística em 1981, diversas teorias emergiram e houve a necessidade de uma substituição para o termo “transferência”. Kellerman & Sharwood-Smith (1986) usaram o termo *Crosslinguistic Influence* que, em português, quer dizer influências translinguísticas. Esse será o termo adotado para esta pesquisa.

O ponto crucial do desenvolvimento dos estudos acerca das análises de influências translinguísticas é o conceito de que a aquisição da segunda língua enfatiza a própria atividade e a contribuição criativa do sujeito aprendiz. (DULAY & BURT, 1974, 1975)

Gass (1979, 1983 e 1984), em sua teoria, afirma que “a universalidade da língua interage com a L1 e a L2 e que essa interação pode resultar em uma aderência ou, às vezes, não”. Gass propõe que uma das circunstâncias para que a influência linguística possa ocorrer é a “distância” entre as línguas envolvidas.

Kellerman (1977, 1983) introduz na literatura a noção de psicotipologia. A noção de psicotipologia é a percepção do aprendiz sobre a distância existente entre suas L1 e L2. A hipótese de Kellerman é a de que influências linguísticas serão diminuídas ou anuladas se as línguas em estudo forem percebidas como distantes ou não relacionadas entre si.

Corder (1983) defende que a psicotipologia de Kellerman determina o desejo do aprendiz de “pegar emprestado” subsídios da L1, a fim de aplicá-los na L2. Kellerman afirma ainda que a distância ou a proximidade tipológica frequentemente estão entrelaçadas com a distância ou a proximidade cultural.

A abordagem psicotipológica de Kellerman (1983) contempla três conhecimentos, a saber:

- 1º da estrutura psicológica do aprendiz em sua língua nativa;
- 2º da percepção do aprendiz em relação à distância existente entre sua L1 e L2;
- 3º do conhecimento do aprendiz no que tange à L2.

De acordo com Eric Kellerman (1983), aprendizes percebem algumas características linguísticas como transferíveis e outras como não-transferíveis. Kellerman, em um caso de estudo, observou que aprendizes holandeses avançados de inglês como L2 transpunham os sentidos do verbo *breken* (quebrar) em holandês para o inglês.

O verbo *breken*, em holandês, possui um sentido geral e outro sentido que lhe é mais restrito. Kellerman verificou que os aprendizes holandeses traduziam diretamente a seguinte sentença:

‘*Hij brak zijn been*’ em inglês: ‘*he broke his leg*’. (ele quebrou a perna)

No entanto, Kellerman percebeu que os aprendizes relutavam a fornecer uma tradução direta da oração:

'Het ondergrondse verzet werd gebroken' em inglês: *'the underground resistance was broken'*. (a resistência subterrânea foi quebrada)

Após essa análise, Kellerman constatou que os aprendizes holandeses transferiam o sentido básico do verbo *breken*, porém refutavam a transferir o sentido mais restrito desse quando perceberam como único em sua língua nativa, mesmo que gramatical e pragmaticamente possível na língua inglesa.

Na abordagem psicotipológica, Kellerman trabalha com duas concepções: a percepção consciente e a inconsciente. Kellerman propõe que: o que é percebido conscientemente pelo aprendiz como distante e/ou não transferível, não será usado pelo aprendiz.

Apenas analisar a noção consciente detida pelo aprendiz sobre o distanciamento linguístico-cultural não contempla o objetivo deste trabalho, uma vez que este estudo não tem por fim a mera descrição das similaridades e diferenças existentes entre duas línguas como na análise contrastiva. Mas, sim, se esse conhecimento linguístico-cultural detido pelo aprendiz afeta substancialmente a sua aquisição ou aprendizagem da L2.

A importância do desenvolvimento desta pesquisa em artigos científicos

Diante de um mundo cada vez mais globalizado e multilinguista, esta investigação se torna útil para que uma aquisição de L2 mais eficaz se faça presente na sociedade em geral. A necessidade de falar outro idioma fluentemente foi e é alvo de desejo por aqueles que almejam a uma ascensão profissional, acadêmica e pessoal.

A diversidade das línguas sempre foi motivo de mistério para a Humanidade. Desde a antiguidade, tem-se procurado uma explicação para tal. Na religião, encontramos o episódio da torre de Babel que tenta explicar a diversidade das línguas.

Frequentemente, autores e estudiosos buscam no corpus da sociedade ou no empirismo respostas que contemplem a questão tão delicada sobre aquisição de uma L2. Não queremos, aqui, subestimar o estudo behaviorista, mas, primeiramente, faz-se necessário entender de que maneira a aquisição de uma L2 se dá dentro da mente humana já organizada cognitivamente

na L1 para que, assim, possamos criar mecanismos comportamentais efetivos na sala de aula para os aprendizes de L2.

Na literatura contemporânea, poucos trabalhos psicolinguísticos são encontrados. Os trabalhos mais notáveis são: um de língua inglesa e língua grega realizado por Beach, E., Burnham, D., & Kitamura, C. (2001); e língua inglesa e línguas árabes, persas e curdas por Haghverdi, H. (2012). No português brasileiro, os trabalhos encontrados, além de serem escassos, não são suficientes, e, também, como os estudos psicotipológicos são relativos, pois dependem das relações entre determinadas línguas, nenhum trabalho utilizou o português brasileiro como L1 e línguas que compartilham de semelhanças morfossintáticas nos níveis: alto, médio e baixo. Então, muito ainda precisa ser investigado.

Procedimentos Metodológicos

O macro objetivo deste trabalho é verificar se a noção de tipologia detida ou não pelo aprendiz influi significativamente em sua aprendizagem da L2.

Para tal objetivo, duas línguas foram estrategicamente selecionadas: a língua inglesa e a japonesa. A língua inglesa e a japonesa possuem um discrepante distanciamento linguístico-cultural no que tange ao português brasileiro. A primeira, apesar de não pertencer a mesma família do português brasileiro, possui muita similaridade em relação às construções gramaticais e a cultura anglo-saxônica é amplamente assimilada no Brasil. Em contrapartida, a língua japonesa possui mínima semelhança sintática com o português brasileiro e a cultura japonesa, cada vez mais, está sendo difundida no Brasil, ainda que possua baixa assimilação por parte dos brasileiros. Segundo o professor da Universidade de Estocolmo Tore Janson (2015) afirma que:

A língua isolada mais conhecida é o japonês, uma língua importantíssima com uma longa história de escrita e cerca de 120 milhões de falantes na atualidade. Embora se tenha sugerido, de fato, que o japonês seja filiado a outros grupos – com o altaico e o coreano como principais candidatos -, não há nenhuma prova sólida para qualquer uma dessas conexões. (JANSON, 2015, pg. 51)

Como este trabalho possui a intenção de comparar a influência exercida do português brasileiro sobre a língua inglesa e a japonesa, optamos por compor este trabalho com dois perfis de participantes: o primeiro grupo é composto por falantes nativos do português brasileiro e que possuem como L2 o inglês e o segundo grupo é composto por falantes nativos do português brasileiro e que detenham o japonês como L2.

Todos os participantes se consideram em um nível intermediário na L2. Os participantes, também, estudam a L2 em cursos particulares no Brasil. A L2 é tão somente falada em sala de aula e os participantes possuem pouquíssima experiência no exterior ou não a possuem.

O experimento é composto por dois questionários. O primeiro questionário é composto por questões sobre a tipologia entre a L1 e a L2. O objetivo desse primeiro questionário é avaliar a noção consciente detida pelo participante sobre o conhecimento e distanciamento linguístico entre a L1 e a L2. O segundo questionário é composto por perguntas de múltipla-escolha. A adoção de um questionário foi feita pela necessidade de avaliar padrões gramaticais específicos presentes na L2. A intenção dessa tarefa é mensurar a percepção inconsciente do distanciamento linguístico-cultural demonstrada pelo participante.

Materiais e Método

O primeiro questionário será de múltipla-escolha no qual o participante deverá optar dentre três alternativas: muito, pouco, nada. Esse questionário é composto por três seções: a primeira seção objetiva verificar o conhecimento linguístico-cultural da L1, a segunda seção sobre a L2 e a terceira testará a noção de distanciamento linguístico entre a L1 e a L2.

O segundo questionário será composto por dez enunciados os quais deverão ser traduzidos para a L2. Haverá quatro alternativas: uma correta, uma incorreta e duas distratoras, da qual uma é muito parecida com o padrão gramatical da L1 e a outra semelhante sintaticamente à L2. O objetivo desse questionário é analisar o processo cognitivo realizado pelo participante. Portanto, considerando que os aprendizes se encontram em um nível

intermediário, optamos por apresentar enunciados de nível avançado, pois acreditamos assim, que conseguiremos verificar por qual(is) caminho(s) o aprendiz perpassa para inferir sobre novas estruturas gramaticais.

Para compor os enunciados, optamos por utilizar em língua japonesa o dicionário de gramática de japonês avançado publicado pela *The Japan Times* pelos autores Seiichi Makino e Michio Tsutsui (1995). Em língua inglesa, usaremos a gramática ‘*Grammar in Use*’ publicada pela *Cambridge University Press* pelo autor Martin Hewrings (2013). Ambas gramáticas foram escolhidas por serem materiais de excelência utilizados em todo o mundo no que se refere ao ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Participantes

Foram formados dois grupos de cinco participantes. Todos os participantes selecionados são brasileiros e são falantes nativos do português brasileiro. Quanto à L2, estudam-na por um período de 2 a 3 anos em cursos específicos de línguas. Os participantes possuem entre 18 a 25 anos. Possuem nível médio ou superior.

Participantes do nível intermediário forma selecionados, pois acreditamos que é um período de total significância para a nossa investigação, uma vez que o aprendiz já detém as estruturas básicas da L2, porém há a necessidade de inferir acerca de estruturas frasais avançadas. E, essa inferência é o nosso objeto de estudo.

Caracterização da empresa / setor (cidade)

Esta pesquisa fora realizada no campo educacional nos centros livres de idiomas da cidade de Campo Grande-MS. Os testes foram recolhidos em dois centros de idiomas: Centro de Aprendizagem FISK e Escola de Língua Japonesa SHIONKO. Ambas instituições de ensino possuem décadas de atividade na cidade de Campo Grande, formando dezenas de falantes de inglês e japonês.

Essas escolas foram selecionadas para esta pesquisa por possuírem como missão a qualidade no ensino de línguas estrangeiras. Além de ministrarem seus cursos curriculares, ainda são centros examinadores de provas internacionais o que comprova, ainda mais, a sua excelência.

Essas instituições também foram eleitas por serem constituídas principalmente pela classe média, uma vez que esta pesquisa visa proporcionar resultados da maioria dos aprendizes brasileiros. As demais escolas possuem grupos muito reduzidos de alunos ou são alunos que não fazem parte da maior parcela da população aprendiz de uma L2 no Brasil.

O motivo mais importante na escolha desses centros de idioma para a realização de nossa pesquisa foi a metodologia empregada no que tange ao ensino-aprendizagem da L2. Entendemos que uma metodologia muito restrita ou pouco usada no Brasil poderia causar mudanças nos resultados de nosso trabalho, pois condicionaria os discentes a diferentes habilidades linguísticas. Por tanto, julgamos necessário que a metodologia fora desenvolvida pela maioria dos centros de idioma do país por um longo período de tempo.

Análise dos dados e interpretação dos resultados

Os dados foram coletados e analisados após a realização dos testes pelos participantes. Primeiramente, observamos as seções que constituem os dois questionários para, posteriormente, verificarmos e confrontarmos os dois questionários.

Sobre os resultados do primeiro questionário acerca do conhecimento tipológico dos aprendizes, observamos que esses possuem um baixo conhecimento linguístico-cultural de sua L1, o português brasileiro. Os aprendizes apresentaram desconhecimento ao assinalarem ‘nada’ quando questionados acerca das influências de línguas africanas e indígenas no português brasileiro. Ademais, mais da metade dos participantes assinalaram ‘pouco’ quando questionados sobre a relação do latim com o português brasileiro.

Em contrapartida, um conhecimento um pouco superior foi verificado na L2, inglês e japonês. Metade dos aprendizes assinalou que o ‘muito’ acerca da relação do latim com o

inglês. Porém, sabiam que o inglês não originara daquele. Sobre a língua japonesa, assinalaram que essa possui ‘pouca’ similaridade com qualquer outra língua. Mostrando um alto conhecimento tipológico, uma vez que a língua japonesa é considerada isolada de qualquer grupo linguístico.

Na terceira seção, perante o distanciamento linguístico das duas línguas, observamos que os aprendizes responderam que o inglês possui algum distanciamento linguístico em relação ao português e o japonês possui um distanciamento maior no que se refere ao português.

No que tange ao segundo questionário, verificamos uma diferença notável e surpreendente mantida pelos aprendizes. Mediante as quatro alternativas oferecidas, estrategicamente, aos alunos, foi verificado o seguinte: pelo grupo dos aprendizes de inglês, de dez sentenças-modelo, nove assinalaram ora a alternativa incorreta, ora a alternativa que perfazia a estrutura gramatical da L1. Como:

1.1 “Você viu o acidente que acabou de acontecer?”

A () Have you seen the accident that has just happened?

B () Have you been seeing the accident that has just happened?

C () Did you see the accident that has just happened?

D () You saw the accident that has just happened?

Verificou-se, como supracitado, que a maioria dos aprendizes tende a assinalar as alternativas c e d e refutaram as alternativas a e b.

Diferentemente, o grupo do japonês, de dez sentenças propostas, dez assinalaram ora a alternativa correta, ora a que possuía a estrutura gramatical mais semelhante à L2. Como no exemplo abaixo, a tendência foi assinalar as alternativas a e b.

1.2 “Jim está longe de conversar em japonês. Ele não consegue nem cumprimentar.”

A () ジムは日本語の会話ができないどころか、かんたんな挨拶もできない。

B () ジムは日本語の会話がへたです。かんたんな挨拶もできない。

- C () ジムは日本語の会話がぜんぜんです。かんたんな挨拶もできない。
D () ジムは日本語の会話がとおいです。かんたんな挨拶もできない。

Em suma, constatamos que os aprendizes de língua inglesa tentam manipular a sua L2, baseando-se em sua L1 significativamente. Os aprendizes de inglês parecem não refutar o uso sintático de sua L1 para a enunciação de sua L2. Contudo, os aprendizes de japonês parecem rejeitar a ideia de se debruçarem sobre a L1 ao estruturar sintaticamente a sua L2.

Esse resultado obtido no segundo questionário vai de acordo com o primeiro, pois evidencia que os aprendizes, consciente e inconscientemente, detêm a língua inglesa como próxima do português e a japonesa como distante linguisticamente do português brasileiro.

Considerações finais

Este presente estudo procurou investigar se a proporção de influência da L1 sobre a L2 aumenta ou diminui dependendo do conhecimento psicotipológico detido pelo aprendiz.

Para que tal objetivo fosse alcançado, duas línguas foram estrategicamente escolhidas: a língua inglesa e a japonesa. Portanto, dois grupos bilíngues em inglês e japonês também foram convidados a participar.

Primeiramente, avaliamos sobre cada grupo e, posteriormente, comparamos ambos. Como esperado, averiguamos que os aprendizes possuem um baixo nível de conhecimento tipológico de sua L1, ou seja, do português. E, um maior percentual na L2.

Esse primeiro resultado evidencia que muito precisa ser pensado acerca da situação real do ensino da língua materna no Brasil, uma vez que os números finais dessa pesquisa não condizem com as inúmeras aulas ofertadas no currículo nacional. Não obstante, podemos concluir que o conhecimento sobre a L1 é trabalhado no inconsciente do aprendiz. Contudo, a L2 é mantida pela plena consciência excessiva, o que pode ser prejudicial ao ensino-aprendizagem do aluno.

Segundamente, concordamos com Kellerman (1986) acerca do conhecimento psicotipológico do aprendiz. Observamos que aprendizes que veem a L2 como distante de sua L1 tendem a diminuir as influências translinguísticas, já aprendizes que veem a L2 como próxima de sua L1 tendem a aumentar as influências linguísticas.

Ainda, salientamos as limitações encontradas nesta pesquisa como, por exemplo, um baixo número de participantes devido ao fato de a cidade de Campo Grande não possuir muitos falantes de língua japonesa. Por conseguinte, desejamos que mais pesquisas sejam realizadas para que possamos trazer à luz explicações sobre o processo mental presente na aquisição da L2.

Portanto, cremos que atingimos nosso objetivo por trazer esclarecimentos e desenvolvimento à área de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Referências

CHOMSKY, N. **Knowledge of Language**. New York: Praeger. 1986.

DULAY, H & M.K. BURT. **Natural Sequences in Child SLA**. *Language Learning*, p. 37-68, 1974.

KOHN, KURT. The analysis of transfer. In E. Kellerman & M. Sharwood-Smith (eds.) **Crosslinguistic influence in second language acquisition and performance**. Oxford: Pergamon, p. 21-34, 1986.

JANSON, T. **A História das Línguas: uma introdução** / Tore Janson; Tradução Marcos Bagno, -1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

KELLERMAN, E. **Towards a Characterization of the Strategy of Transfer in Second Language Learning**. *Interlanguage Studies Bulletin*, p. 58-145, 1977.

KELLERMAN, E. Now you see it, now you don't in Gass & Selinker (eds.) Kellerman, E. & M. Sharwood-Smith. (eds.). **Cross-linguistic Influence in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon Press. 1986 .

ELLIS, ROD. **Fundamental Concepts of Langue Teaching**. Oxford: Oxford University Press. p. 824, 1994.

KELLERMAN, E. **New uses for old languages:** Cross-linguistic and cross-gestural influence in the narratives of non-native speakers. In: Cenoz, Jasone; Hufeisen, Britta & Jessner, Ulrike (Hrsg.) p. 170-191, 2001.

KELLERMAN, E., & SHARWOOD SMITH, M. **Cross-Linguistic Influence in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1986.

LADO, R. **Linguistics across Cultures**. Ann Harbor: The University of Michigan Press. 1957

RINGBOM, H. Crosslinguistic influence and the foreign language learning process. In M. Sharwood Smith & E. Kellerman (Eds.), **Crosslinguistic influence in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, p. 150-162, 1986.

STERN, H.H. **The study of second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press. p. 64, 1970.

VAN VALIN, R.; LAPOLLA, R. **Syntax: structure, meaning and function**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 199-237, 1997.

WAGNER, J. **Comparative Studies in Second Language Learning**. 1975. 36 f.
Dissertação (mestrado em Linguística), Los Angeles, Universidade da Califórnia. 1975.